

Revista Época – 14/01/2008

Edição nº 504

### Apagão no horizonte

O governo nega, mas o risco de faltar energia no país está de volta.

Andréa Leal

A história é recente, mas muita gente já se esqueceu. Em 2001, a falta de chuvas secou os reservatórios das usinas hidrelétricas. Elas passaram a produzir menos e havia risco de faltar energia. O governo agiu tarde demais e, por isso, teve de racionar energia para evitar um colapso. Agora, a história ensaia se repetir. Na semana passada, Jerson Kelman, presidente da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), alertou que, devido à falta de chuvas, não é impossível haver racionamento de energia neste ano. O ministro de Minas e Energia, Nelson Hubner, se apressou em desmentir Kelman e afastar o risco de apagão. Mas, em seguida, anunciou medidas preventivas. O governo vai colocar para funcionar seis termelétricas a óleo, deve acabar de construir, até fevereiro, o gasoduto Caiubi-Vitória, que transporta gás da bacia do Espírito Santo, e a Petrobras vai substituir o uso de gás natural em suas usinas por óleo. “Não acredito em risco de apagão para este ano”, diz Luiz Pinguelli Rosa, diretor da Coordenação de Programas de Pós-Graduação de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. “Mas é fundamental adotar medidas para que residências e empresas poupem energia, pois o nível dos reservatórios é preocupante e a situação pode piorar.”

O fantasma do apagão pode não aparecer agora, mas está por perto. Cerca de 90% da energia consumida no Brasil vem de usinas hidrelétricas. Elas dependem de água da chuva em seus reservatórios para produzir energia suficiente para a indústria funcionar ou o consumidor acender uma lâmpada em casa. O problema é que não está chovendo. Na primeira semana de janeiro, a reserva de água na Região Sudeste estava em 44,9% de sua capacidade, apenas 5,6% acima do nível mínimo para a operação (leia o quadro). Isso no meio da estação chuvosa, quando os reservatórios deveriam encher-se. A explicação é que, até agora, choveu 47% menos que a média dos últimos 76 anos para o mês na região. De acordo com meteorologistas do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, o fenômeno La Niña deve diminuir o volume de chuvas no ano.

Há seis anos, o diagnóstico para uma situação semelhante era que o governo não havia investido, nem dado condições para o mercado investir na ampliação da capacidade do setor ou em um sistema alternativo de fornecimento de energia. A diferença agora é que há um sistema alternativo, mas o governo não se planejou para usá-lo por um período longo porque preferiu confiar – de novo – nas chuvas. “O governo está apostando todas as fichas em São Pedro, e as variáveis que aumentam o risco estão mais intensas”, afirma Ricardo Carvalho, diretor-sênior da consultoria Fitch Ratings.

A alternativa às hidrelétricas são as usinas termelétricas, que produzem eletricidade a partir de combustíveis como gás natural, óleo e carvão. A capacidade instalada das térmicas pode chegar a 11.600 megawatts médios, mas apenas cerca de 4.100 megawatts estão sendo produzidos porque – além de chuvas – também está faltando gás. “De 2005 para 2008, o Brasil perdeu 6.100 megawatts médios de gás”, afirma **Claudio Sales**, presidente do **Instituto Acende Brasil**. “Como até agora chovia muito e o país não crescia, a escassez de gás ficava mascarada”, diz Adriano Pires, diretor do Centro Brasileiro de Infra-Estrutura.

Segundo os especialistas, as medidas anunciadas pelo governo na semana passada podem ser suficientes se o período de seca não se estender muito. Mas haverá um efeito colateral financeiro. “Deve haver aumento, porque a energia térmica é mais cara que a hidrelétrica”, afirma o diretor-presidente da Associação Nacional dos Consumidores de Energia, Paulo Mayon. O preço da energia no mercado de atacado – onde os produtores de energia compram e vendem seus excedentes – por grandes consumidores saltou de R\$ 28,16 o megawatt/hora, em janeiro do ano passado, para R\$ 473,30 neste mês. Como em 2001, o consumidor deve ser chamado a pagar essa conta.

Além de descartar a chance de apagão, levantada pelo presidente da Aneel, o ministro Nelson Hubner também diz que não há risco de aumento de preços. Tantas desavenças entre governo e agência reguladora atrapalham ainda mais um setor em crise. Desde que Silas Rondeau deixou o cargo de ministro por suspeitas de corrupção, a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, e o PMDB, principal partido da base aliada, duelam pelo ministério. Na semana passada, o partido indicou para a pasta o senador Edison Lobão (PMDB-MA), aliado do senador José Sarney (PMDB-MA) (leia a reportagem). Dilma defende a permanência de Hubner, ministro interino, por ser contrária a uma nomeação política para o cargo. Ansioso pelo cargo, mas não pela responsabilidade, Lobão já procurou tirar o corpo fora da crise. “O que ocorrer de bom ou de ruim vai estar relacionado ao período anterior na gestão do ministério”, disse. Com tantas dificuldades, o que o setor menos precisa é de um gestor que não queira assumir responsabilidades.

### O que resta de energia hoje

A situação das principais fontes de abastecimento do país neste mês(1)

#### A fonte está secando

O nível das reservas hidrelétricas comparado ao limite de operação



#### No limite

Com poucas chuvas, o país depende mais das usinas térmicas

Fonte de energia	Quanto foi gerado	
	janeiro 2007	janeiro 2008
Hidrelétricas	92,7%	89,0%
Térmicas <sup>(2)</sup>	3,3%	7,7%
Térmicas nucleares	3,7%	3,1%
Eólica	0,16%	0,08%

**47%**

foi o que choveu a menos, no Sudeste, comparado à média dos últimos 76 anos

**11.600**

megawatts médios<sup>(3)</sup> é a capacidade de geração das usinas térmicas

**4.100**

megawatts médios estão sendo produzidos por elas devido à falta de gás

**12%**

foi quanto caiu a oferta de gás entre os anos de 2005 e 2007

(1) Fonte: ONS (2) Usinas movidas a óleo, carvão e gás natural (3) Energia gerada por uma usina como Itaipu

A reação tímida do governo.

Ações para preservar as hidrelétricas.

**As medidas anunciadas**

- Ligar seis térmicas a óleo para gerar mais 800 megawatts médios(4).
- Trocar por óleo o gás que a Petrobras usa para consumo próprio.
- Terminar, até fevereiro, o gasoduto Caiubi–Vitória, que vai transportar mais 1.000 megawatts.

**O que os especialistas sugerem**

- Campanhas de conscientização para a população evitar desperdícios
  - Cortar o fornecimento de gás não-contratado da Petrobras para as distribuidoras
  - Uma força-tarefa interministerial que avalie mais rapidamente o impacto ambiental das usinas
  - Aumentar o preço do gás usado em carros para diminuir o consumo
- (4) Consumo instantâneo de uma cidade como Brasília